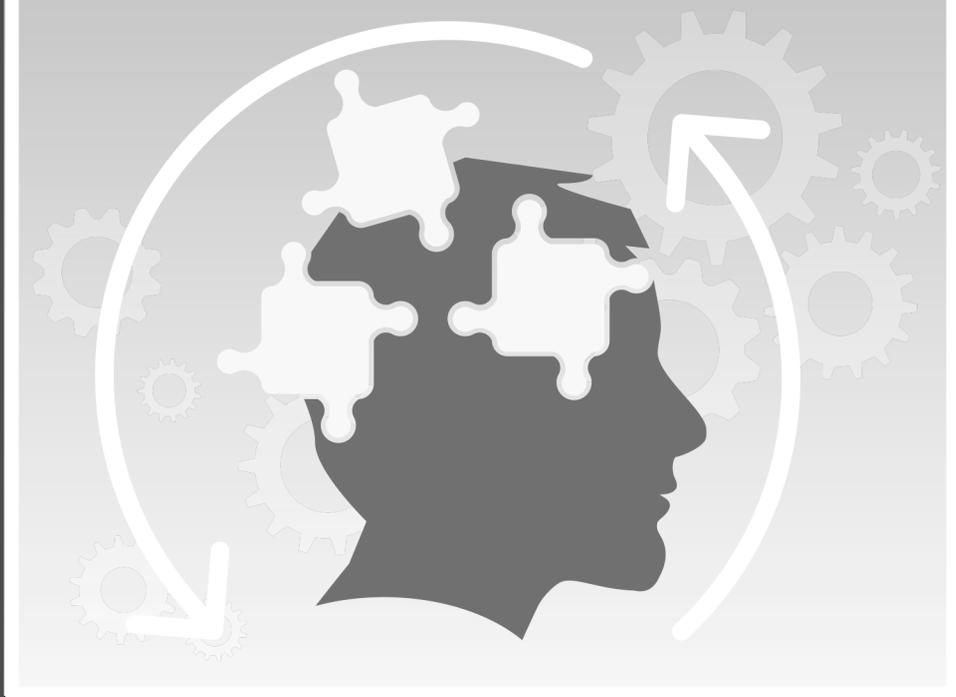


# Letras e Linguística: Estrutura e Funcionamento

Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos  
(Organizador)

Atena  
Editora  
Ano 2020



Letras e Linguística:  
Estrutura e  
Funcionamento

Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos  
(Organizador)

  
Ano 2020

### **Editora Chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

### **Assistentes Editoriais**

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

### **Bibliotecário**

Maurício Amormino Júnior

### **Projeto Gráfico e Diagramação**

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Karine de Lima Wisniewski

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

### **Imagens da Capa**

Shutterstock

### **Edição de Arte**

Luiza Alves Batista

### **Revisão**

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

## **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília  
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco  
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá  
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino  
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

## **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande

Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná  
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza  
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí  
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional  
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa  
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia  
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais  
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco  
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar  
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos  
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo  
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas  
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília

Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa  
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás  
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia  
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases  
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina  
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil  
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita  
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás  
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí  
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora  
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé  
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas  
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo  
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária  
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás  
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina  
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza  
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College  
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará  
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social  
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe  
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay  
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco  
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás  
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA  
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia  
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis  
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR  
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Ma. Lillian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará  
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ  
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe  
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados  
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná  
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos  
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior

Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará

Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco

Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

## Letras e linguística: estrutura e funcionamento

**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira  
**Bibliotecário** Maurício Amormino Júnior  
**Diagramação:** Luiza Alves Batista  
**Correção:** Emely Guarez  
**Edição de Arte:** Luiza Alves Batista  
**Revisão:** Os Autores  
**Organizador:** Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

L649 Letras e linguística [recurso eletrônico] : estrutura e funcionamento / Organizador Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-453-5

DOI 10.22533/at.ed.535200210

1. Letras – Pesquisa. 2. Linguística. I. Vasconcelos, Adaylson Wagner Sousa de.

CDD 410

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

**Atena Editora**

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)

## APRESENTAÇÃO

Em **LETRAS E LINGÜÍSTICA: ESTRUTURA E FUNCIONALISMO – VOL. I**, coletânea de dezenove capítulos que une pesquisadores de diversas instituições, se faz presente discussões de temáticas que circundam a grande área das Letras a partir de diálogos com suas subáreas e demais áreas das Humanidades.

Temos, nesse primeiro volume, quatro grandes grupos de reflexões que explicitam essas interações, nelas estão debates que circundam literatura, ensino e memória; outras artes; leitura e leituras do mundo; formação docente e escola.

Literatura, ensino e memória traz análises relevantes a partir de obras de Clarice Lispector, Patativa do Assaré, Cora Coralina, Manoel Barros, Edgar Allan Poe e Margaret Atwood. O ensino também é destacado, principalmente a partir dos processos de leitura e da concepção do letramento literário. É importante frisar também as cartas e os jornais como espaços, como suportes, relevantes para a difusão da literatura, da produção e da memória.

Em outras artes são verificadas tradução intersemiótica e leitura de obras cinematográficas.

Na leitura e leituras do mundo são encontradas questões relativas a leitura como instrumento de mudança de atitudes e imagens como textos que marcam diálogos, discursos.

Formação docente e escola enfatiza abordagens sobre processo reflexivo de ensino de língua materna, condições de trabalho dos professores, e ainda sobre criança e psicopatologia.

Assim sendo, convidamos todos os leitores para exercitar diálogos com os estudos aqui contemplados.

Tenham proveitosas leituras!

Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
ESTRANGEIRISMO LISPECTOR A <i>ESCRITA FRATURADA DE CLARICE</i>	
Ademilson Filocreão Veiga Gilcilene Dias da Costa	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5352002101</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>12</b>
O PODER DIZER E O DEVER CALAR: O SILENCIAMENTO COMO INTERDIÇÃO DO DISCURSO EM <i>QUERÔ UMA REPORTAGEM MALDITA</i>	
Denise Aparecida de Paulo Ribeiro Leppos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5352002102</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>23</b>
A REPRESENTAÇÃO DO NORDESTINO E DO SERTÃO NA POESIA DE CORDEL DE PATATIVA DO ASSARÉ	
Marcos Antônio Fernandes dos Santos Asussena Noleto de Santana	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5352002103</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>33</b>
A REPRESENTAÇÃO FEMININA E EXPRESSIVIDADE LÍRICA NAS PERSONAGENS DE CORA CORALINA	
Marta Bonach Gomes	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5352002104</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>42</b>
CENOGRAFIA E <i>ETHOS</i> DISCURSIVO NA NARRATIVA LITERÁRIA: UMA ANÁLISE DO CONTO <i>O BARRIL DE AMONTILLADO</i> , DE EDGAR ALLAN POE	
Rita de Cássia Dias Verdi Fumagalli Ernani Cesar de Freitas	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5352002105</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>61</b>
A REESCRITA DA AMBIGUIDADE NARRATIVA: ESTUDO DE CASO DA TRADUÇÃO DE VULGO GRACE DE MARGARET ATWOOD	
Eliatan da Silva Pereira Juliana Cristina Salvadori	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5352002106</b>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>78</b>
A POÉTICA DE MANOEL DE BARROS E OS DEVIRES DA LITERATURA: PERCURSOS CARTOGRÁFICOS NA ESCOLA BÁSICA	
Jônatas de Jesus Tavares Farias Gilcilene Dias da Costa	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5352002107</b>	

<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>90</b>
LETRAMENTO LITERÁRIO E O ENSINO DIALÓGICO ATRAVÉS DE SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS	
Fádia Cristina Monteiro de Oliveira Silva Judivalda da Silva Brasil	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5352002108</b>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>104</b>
LITERATURA E ENSINO: AS MÚLTIPLAS FACES DA LEITURA NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DE LEITORES NO ENSINO MÉDIO	
Jesuino Arvelino Pinto	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5352002109</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>116</b>
MÁRIO MATOS: O MISSIVISTA MINEIRO SOB UMA OUTRA NOVA PERSPECTIVA	
Barbara Barros Gonçalves Pereira Nolasco	
<b>DOI 10.22533/at.ed.53520021010</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>125</b>
ESTAMOS TODOS SOB CENSURA: LAÍS CORRÊA DE ARAÚJO ESCREVE A COSETTE DE ALENCAR	
Wagner Lopes da Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.53520021011</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>137</b>
O JORNAL INSTITUCIONAL COMO INSTRUMENTO DE MEMÓRIA	
Edna Carvalho da Cunha Magnólia Rejane Andrade dos Santos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.53520021012</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>147</b>
TRADUÇÃO INTERSEMIÓTICA: UMA ANÁLISE COMPARATIVA DE DUAS AUDIODESCRIÇÕES DO CURTA-METRAGEM “VIDA MARIA”	
Isabeli Bovério dos Santos Leila Maria Gumushian Felipini	
<b>DOI 10.22533/at.ed.53520021013</b>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>160</b>
AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E IDENTITÁRIAS DO PROFESSOR NAS OBRAS CINEMATOGRÁFICAS CLUBE DO IMPERADOR E O TRIUNFO	
Jaciara Stresser dos Santos Cláudia Maris Tullio	
<b>DOI 10.22533/at.ed.53520021014</b>	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>172</b>
MUDANDO DE ATITUDE POR MEIO DA LEITURA	
Denise Rezende Mendes	

Diana Ramos de Oliveira

**DOI 10.22533/at.ed.53520021015**

**CAPÍTULO 16..... 183**

**LENDO IMAGENS: INTERAÇÃO, DISCURSO & SABERES**

Ana Virginia Gomes de Souza Pinto

Terezinha de Jesus Costa

**DOI 10.22533/at.ed.53520021016**

**CAPÍTULO 17..... 194**

**CONSIDERAÇÕES SOBRE O PROCESSO REFLEXIVO NO ENSINO DA LÍNGUA MATERNA E A FORMAÇÃO DOCENTE**

Ieda Márcia Donati Linck

Andréia Mainardi Contri

Viviane Teresinha Bicchieri Brust

Fabiane da Silva Verissimo

**DOI 10.22533/at.ed.53520021017**

**CAPÍTULO 18..... 206**

**CONDIÇÕES DE TRABALHO DE SUJEITOS-PROFESSORES EM DIFERENTES ESCOLAS: ANÁLISE DISCURSIVA**

Jéssica Vidal Damaceno

Filomena Elaine Paiva Assolini

**DOI 10.22533/at.ed.53520021018**

**CAPÍTULO 19..... 217**

**A CRIANÇA PROBLEMA: DISCURSOS DISCIPLINARES E PSICOPATOLOGIA**

Conrado Neves Sathler

**DOI 10.22533/at.ed.53520021019**

**SOBRE O ORGANIZADOR..... 225**

**ÍNDICE REMISSIVO..... 226**

# CAPÍTULO 17

## CONSIDERAÇÕES SOBRE O PROCESSO REFLEXIVO NO ENSINO DA LÍNGUA MATERNA E A FORMAÇÃO DOCENTE

*Data de aceite: 01/10/2020*

### **Ieda Márcia Donati Linck**

Universidade de Cruz Alta - UNICRUZ  
Cruz Alta – RS  
<http://lattes.cnpq.br/7088863515941582>

### **Andréia Mainardi Contri**

Universidade de Cruz Alta – UNICRUZ  
Boa Vista do Cadeado – RS  
<http://lattes.cnpq.br/6450378502680116>

### **Viviane Teresinha Biacchi Brust**

Universidade Federal de Santa Maria – UFSM  
Santa Maria – RS  
<http://lattes.cnpq.br/7657921390114850>

### **Fabiane da Silva Verissimo**

Universidade Federal de Santa Maria – UFSM  
Cruz Alta – RS  
<http://lattes.cnpq.br/0926685343186520>

**RESUMO:** É função da escola fazer com que todos percebam a complexidade e importância do ato comunicativo, o que inclui não somente compreender o mundo, mas também como a linguagem se refere a ele e como o que é dito se modifica de acordo com as infinitas combinações possíveis. Para que a comunicação ocorra é preciso disponibilizar meios e encontrar estratégias para que o conhecimento linguístico seja cada vez mais democratizado, funcional e eficiente como suporte à emancipação. De forma geral, é preciso repensar o ensino, é preciso aceitar as diferenças entre língua fluída e língua

imaginária, e, por fim, duvidar daquela concepção que ainda percebe a língua como ideal, na qual o sujeito teria controle absoluto do seu dizer e dos sentidos provocados por esse dizer. Considerando que, ainda, alguns professores ensinam a gramática de forma tradicional, descontextualizada, faz-se este questionamento: Em algum momento, os gramáticos estariam pensando no sentido propriamente dito? Será que se preocuparam com o ato comunicativo e sua importância quando nomearam as classes de palavras? Repensar o ensino de língua na escola é refletir sobre isso, cientes de que antes de o sujeito nascer ele é falado na/pela língua, sendo, então, um sujeito social.

**PALAVRAS-CHAVE:** Língua, Ensino, Sentido, Emancipação, Sujeito.

### CONSIDERATIONS ON THE REFLECTIVE PROCESS IN TEACHING MATERNAL AND TEACHING TRAINING

**ABSTRACT:** It is the function of the school to make everyone realize the complexity and importance of the communicative act, which includes not only understanding the world but also how language refers to it and how what is said modifies according to the infinite possible combinations. In order for communication to take place, it is necessary to provide means and strategies for linguistic knowledge to be increasingly democratized, functional and efficient as a support for emancipation. In general, it is necessary to rethink the teaching, it is necessary to accept the differences between fluent language and imaginary language, and, finally, to doubt the

conception that still perceives the language as ideal, in which the subject would have absolute control of his saying and the senses provoked by this saying. Considering that some teachers also teach grammar in a traditional, decontextualized way, this question is asked: At any moment, would the grammarians be thinking in the proper sense? Did they care about the communicative act and its importance when they named the word classes? Rethinking the teaching of language in school is to reflect on this, aware that before the subject is born it is spoken in / through the language, being then a social subject.

**KEYWORDS:** Language, Teaching, Sense, Emancipation, Subject.

## 1 | INTRODUÇÃO

No ensino atual, o modo de ensinar deve(ria) corresponder a uma prática social que buscase a reflexão sobre o domínio da linguagem e sua constituição, e não apenas a que reproduza a clássica metodologia de definição, classificação e repetição. Ressalta-se a importância de se repensar as aulas de Língua Portuguesa, percebendo a leitura crítica e a escrita como fundamentais no ensino à aprendizagem e, conseqüentemente, à inclusão social do sujeito. Para isso, é necessário que, do ponto de vista do aluno, a proposta escolar faça sentido, que vá ao encontro de algo que ele conheça, valorize e, mais do que isso, utilize-a no seu cotidiano para melhor se comunicar.

Nesse aspecto, Antunes (2007) faz uma avaliação importante de como funciona uma língua enquanto prática social.

Quando alguém é capaz de falar uma língua é então capaz de usar, apropriadamente, as regras (fonológicas, morfológicas, sintáticas e semânticas) dessa língua (além, é claro, de outras de natureza pragmática) na produção de textos interpretáveis e relevantes. Aprender uma língua é, portanto, adquirir, entre outras coisas, o conhecimento das regras de formação dos enunciados dessa língua. Quer dizer, não existe falante sem conhecimento de gramática (ANTUNES, 2007, p. 85-86).

Para que o ensino de língua portuguesa não se afaste dessa noção, considerando que ela deve ajudar o sujeito a se comunicar, é imprescindível “representar” ou “reapresentar”, na escola, os diversos usos que elas têm na vida social. Não mais se justifica tratar o ensino gramatical desarticulado das práticas de linguagem, como é o caso, por exemplo, da gramática ensinada de forma descontextualizada. Desde os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) até as Diretrizes atuais, vem se afirmando que “toda educação comprometida com o exercício da cidadania precisa criar condições para que o aluno possa desenvolver sua competência discursiva” (1998, p. 23). Ou seja, pela percepção e domínio das situações discursivas é que o aluno poderá se constituir como cidadão e exercer seus direitos como usuário da língua. Assim, cada conteúdo, cada situação de leitura e escrita responderá a um duplo propósito (LEMER, 2008). Um propósito didático, ou seja, é preciso ensinar conteúdos constitutivos da prática social, com o objetivo de que o aluno possa reutilizá-los no seu dia a dia; o outro: formar leitores críticos e escritores de sua própria história, o grande desafio que enfrenta a educação, desde sempre.

Cientes disso, discute-se, quais seriam, então, os objetivos da escola, e mais, faz-se o seguinte questionamento: Por que se ensina língua portuguesa aos nativos da língua portuguesa? Afinal, ele conhece a sua língua materna mesmo antes que começa a falar. Isso é fato. Assim sendo, o ensino da língua portuguesa a nativos desta língua deve ajudá-los a raciocinar em sua língua, ou seja, assimilar informações dadas e fazer relações com outras; deve ensiná-lo a interpretar o que está escrito e fazê-lo entender no que o estudo da gramática e no bom uso das normas poderá ajudar nessa interpretação, que como se sabe, vai muito além da compreensão<sup>1</sup>.

Nessa premissa, a escola deve disponibilizar meios para que o conhecimento seja cada vez mais difundido e ampliado. Muito mais do que regras e normas, é preciso ensinar a ler, pois isso é imprescindível para que o aluno possa interpretar e compreender de forma profunda o mundo que o cerca. Pouco resolve ele aprender a definir o que é verbo, ou ainda, o que é sujeito, por exemplo, se quando ele abre um jornal para ler, nem sequer sabe identificar onde está o personagem principal da notícia; não sabe discernir entre o que é informação e o que é declaração, não percebe qualquer implícito no texto. Mais ainda, há aqueles que acabam o Ensino Médio sem saber, ao menos, diferenciar a descrição da argumentação, ou a diferença entre compreender e interpretar.

Para que se consiga amenizar esses efeitos, o ensino da Língua Portuguesa deve ser mais discutido, a fim de que não seja algo tão distante da realidade do aluno. Toda forma de comunicação deve ser considerada, mesmo que ele não tenha o domínio de normas e regras. O aluno não chega ao ambiente escolar sem conhecimentos gramaticais da sua língua, pois ela está vinculada a ele, considerando os conhecimentos adquiridos no seu meio. Ele chega comunicando-se.

Não há um momento especial nem uma pessoa específica destinada ao ensino da gramática. Ela vai sendo incorporada ao conhecimento intuitivo, pelo simples fato de a pessoa estar exposta à convivência com os outros, a atividades sociais de uso da língua, das conversas familiares às atuações mais tensas e formais. Ou seja, essa gramática está inerentemente ligada à exposição da pessoa aos usos da língua. A escola virá depois; para ampliar (ANTUNES, 2007, p.29).

Para Bagno (2001, p, 219), é preciso “levar o aluno a refletir a língua que fala, conhecer melhor essa língua, que constitui parte essencial de sua identidade para que se comunique consigo mesmo e com os outros e para conhecer o mundo”. Concorde-se plenamente com o autor, apesar de que existem determinadas regras gramaticais a serem seguidas para facilitar o entendimento da estrutura linguística, principalmente no que se refere à transposição da oralidade à escrita. É neste espaço que a função da escola se acentua, ou seja, o docente tem obrigação de mostrar ao aluno a diferença entre a língua falada, que o aluno já domina, e a língua escrita, que a escola tem o dever de ensinar-lhe.

1. Afirmação feita com base na prática escolar, bem como em uma reportagem da Revista Nova Escola de 03 de agosto de 2012.

As colocações feitas aqui resultam de um estudo crítico-reflexivo sobre o ensino da língua materna, mais especificamente sobre o reducionismo conceitual, quando abordado descontextualizado, bem como sobre as disparidades e complicações que ocorrem da abordagem feita na gramática até chegar aos materiais didáticos.

Para mostrar a complexidade no ensino de língua, ainda baseado em conceitos, fez-se um recorte, com apenas uma classe de palavra: o verbo intransitivo. A princípio, mostra-se uma análise crítica do conceito dessa categoria, definida em vários gramáticos e estudiosos; a seguir, apresenta-se a proposição reducionista de livros didáticos utilizados, a qual pode causar confusão no processo de aprendizagem. E, por fim, a partir do estudo dessa categoria gramatical, faz-se um contraponto entre o ensino que, infelizmente, ainda domina, em relação aquele necessário, que se almeja para o aumento da competência discursiva do sujeito.

## **2 | MUITO ALÉM DA NOMENCLATURA E DEFINIÇÃO, OUSO E O SENTIDO CONSTITUÍDO**

Considerando a amplitude dessa discussão, delimitou-se a análise em apenas uma classe de palavras: o verbo, definido como palavra fundamental na comunicação oral e escrita. Por isso, cabe aprofundar o entendimento do mesmo para usá-lo em gestos comunicativos exitosos. As gramáticas e os dicionários são considerados instrumentos linguísticos, dentre eles a gramática do Bechara (2009). Este, para definir os verbos, utiliza uma linguagem bastante teórica, tradicional. Está, ali, também, naturalizado o poder de definir, descrever e separar a língua de uso e a língua padrão.

A cultura escrita como a institucionalização do controle da estabilidade linguística se dá por meio da norma padrão, sendo este o processo de supressão das variações no uso da língua. Mencionado por Faraco:

A norma linguística é praticada, em determinadas situações (aquelas que envolvem certo grau de formalidade), por aqueles grupos sociais mais diretamente relacionados com a cultura escrita, em especial aquela legitimada pelos grupos que controlam o poder social (2002, p.24).

Também Cunha & Cintra (2008) expressam os conceitos em forma padrão, formal, no entanto, de mais fácil compreensão. Ou seja, não dá para generalizar e ficar afirmando que todas as gramáticas são complicadas, incompreensíveis e em desuso. Também, não há como pensar uma língua sem algo que a mantenha na norma, pois é preciso pensar que quando se fala em variação, está se falando da língua oral e não da língua escrita. Há proposições que não podem ser questionadas, dentre as quais: a gramática é um suporte à manutenção da língua; é um direito do cidadão ser incluído no processo escolar pelo conhecimento da língua padrão, e conseqüentemente, conseguir um espaço social. Essa é, sem discussão, a função da educação formal, o problema está em como o ensino da língua tem acontecido pela/na escola, ou seja:

A aula deve ser o espaço privilegiado de desenvolvimento de capacidade intelectual e linguística dos alunos, oferecendo-lhes condições de desenvolvimento de sua competência discursiva. Isso significa aprender a manipular textos escritos variados e adequar o registro oral às situações interlocutivas, o que, em certas circunstâncias, implica usar padrões mais próximos da escrita (BRASIL, 1998, p.30).

Conforme o tema proposto, em se tratando do verbo intransitivo, há definições que merecem ser destacadas. É preciso pensar essa definição numa perspectiva da morfossintaxe. É a classe morfológica que, junto aos pronomes pessoais, consegue ser flexionada, formando um sintagma. Segundo Jakobson *apud* Bechara (2009), além de ser pensado como conceito, significado verbal, o verbo se combina, entre outros, com instrumentos gramaticais (morfemas) de tempo, de modo, de pessoa, de número. Assim, “trabalhar” e “trabalho” são palavras que têm o mesmo significado lexical, mas diferentes moldes, deferentes significados categoriais, distintos sentidos.

Bechara (2009, p. 209) define verbo como “a unidade de significado categorial que se caracteriza por ser um molde pelo qual organiza no falar seu significado lexical”. Essa definição privilegia antes o critério funcional: o da organização do falar, como o elemento capaz de definir o que seja um verbo como “significado categorial”, o que - para efeito de decodificação da hermética definição – pode se chamar, simplesmente, de “classe gramatical”.

Em termos sintáticos, os verbos exercem uma função fundamental: núcleo da predicação nos predicados verbais. Isto é, afirmam que o verbo é o constituinte essencial do predicado verbal. Além disso, os verbos intransitivos também são fundamentais para a constituição das orações. Ao contrário do sujeito, que pode estar ausente na oração, pois sem verbo não há oração.

Nesse sentido, pensar em verbo seria, então, pensar sempre em ação, estado ou fenômeno. Apenas isso? Não, pois verbo é a palavra que pertence a um lexema, cujos membros se opõem quanto ao número, à pessoa e ao tempo. Lexema é definido como um conjunto de palavras que se distinguem através de flexão. Assim, corro, correr e corríamos fazem parte de um lexema; casa, casas, de outro. No entanto, casa e casebre não fazem parte do mesmo lexema, porque se distinguem por derivação, e não por flexão. Definições estas que os alunos não precisam saber, pois isso causa uma confusão mental, e uma ojeriza da sua língua materna. O ele que deve saber, é o sentido, o valor do verbo em situações distintas, bem como o poder argumentativo de cada flexão.

Ainda mais minucioso e preocupado com a questão sintática, Rocha Lima (2007) enfatiza que verbo é a palavra regente por excelência, e, por esse motivo, deve-se verificar a natureza dos complementos por ele exigidos. Sua visão é a de que o verbo e o complemento formam uma expressão semântica e, portanto, não pode haver a supressão do complemento, sob pena de tornar o predicado incompreensível. Colocação essa que avança bastante entre os demais, considerando que adentra para questões de compreensão.

Além desses gramáticos, Pasquale & Ulisses (1999) colocam o verbo como sendo a palavra que se flexiona em número, pessoa, modo, tempo e voz, podendo indicar, entre outros processos: ação, estado da natureza, fenômeno natural, ocorrência, desejo. No mesmo enfoque, os autores seguem dizendo que conjugar um verbo é, portando, exercer o direito pleno de empregar a palavra, sendo em torno deles (verbos) que se organizam as orações. Com certeza, a noção de conjugar, para ele, não é flexionar o verbo de forma isolada, desconectada, sem sentido, um abaixo do outro, em suas trinta e seis possibilidades flexionais. Conjugar, para Pasquale & Ulisses (1999), é o uso do verbo flexionado no texto, agregando-lhe um sentido, cujos efeitos podem (ou não) ser modificados. O fato desses gramáticos pensarem sobre o sentido provocado pela flexão, mostra a importância dos mesmos no ensino da língua portuguesa, o que deve(ria) ser considerado pelos professores desta área.

Para Cunha & Lindley (2008), verbo é uma palavra de forma variável que exprime o que se passa, isto é, um acontecimento representado no tempo, ou seja, palavras que expressam ação, estado, fato ou fenômeno. Os mesmos autores seguem mostrando que além dessas categorias, o verbo também se flexiona quanto ao: aspecto; assinala a ação levada até o fim, isto é, como conclusa (perfeita) ou inclusa (imperfeita); estrutura do verbo: uma forma verbal é constituída por radical, desinências, vogal temática; radical ou lexema: onde se concentra o significado do verbo. Repete-se em todas as formas, cantei, cantaste, cantou; salvo nos verbos irregulares; desinências: indica o modo, o tempo, o número e a pessoa.

Para esses gramáticos, a predicação verbal é a forma pela qual os verbos formam o predicado, por outras palavras, se eles exigem ou não complemento para que tenham sentido completo e qual tipo de complemento necessitam. Assim, os verbos intransitivos são definidos por “verbos que não necessitam de complementação”. Sozinhos indicam a ação ou o fato, de forma completa, lógica. A análise desses seguirá a partir da transitividade verbal, ou seja, é a presença ou ausência de complementos que necessitam os verbos nocionais e verbos não nocionais. Enquanto definição parece perfeita, mas na prática isso não funciona de forma tão pontual assim.

Segundo Bechara (1999) e sua minuciosa definição, a transitividade sustenta-se no conteúdo léxico do verbo, podendo formar predicado simples (cujo núcleo apresenta significado lexical referente a realidades bem concretas; a tradição gramatical chama intransitivo a tais verbos) ou predicados complexos (cujo núcleo constrói-se por verbo de grande extensão semântica, necessitando, portanto, de delimitadores - os argumentos ou complementos verbais - são os verbos transitivos). Esse gramático amplia sua definição, pois reforça que a distinção entre transitivo e intransitivo não é absoluta, pertencendo mais ao léxico do que à gramática, e refere-se aos verbos de ligação como àqueles que aparecem matizados semanticamente pelo signo léxico que funciona como predicativo.

Um verbo que não é acompanhado de complemento, assim analisado por Cunha & Lindley (2008), “expressa uma ideia completa”. Como Ex.: Criança sofre – não há complemento, pois o processo começa e termina no próprio sujeito, é classificado como intransitivo. Eis aí um contraponto. Como definir algo com sentido completo se a língua é algo em movimento, incompleta, que serve para comunicar e para não comunicar e, mais, qual a concepção de completude estaria ali sendo considerada? Não há ideia completa, pois para cada novo leitor/ouvinte um novo texto, outro contexto e, assim, uma nova compreensão.

Na busca de definições que ampliam a discussão, tem-se Rocha Lima (2007), o qual considera que “para os verbos intransitivos, não há complemento, considerando ainda que: são chamados de verbos intransitivos, os verbos que encerrando em si a noção predicativa, dispensam quaisquer complementos”. Para ele, o contexto não é considerado, ou seja, quem chega, chega; quem mora, mora e assim por diante. Será mesmo?

Para poder discutir sobre a questão do ensino de língua atual é preciso melhorar a compreensão de alguns conceitos, dentre os quais a transitividade verbal, objeto de análise para este trabalho e pavor dos alunos, de forma geral. É o que se tenta fazer no item seguinte.

### **3 | ALGUMAS (DES)CONSIDERAÇÕES SOBRE A TRANSITIVIDADE VERBAL**

É possível identificar que, de modo geral, todas as gramáticas pesquisadas tratam o “verbo intransitivo” como aquele verbo que não afeta o complemento da oração, portanto, poder-se-ia identificá-lo como uma palavra que tem existência autônoma, e, por sua vez, expressa uma ação que independe do complemento. Entretanto, essa definição não se aplica a todas as expressões, uma vez que, em grande parte, a intransitividade não pode existir sozinha, precisando de um complemento para dar funcionalidade a este.

Na regência verbal, quanto à transitividade enfocada por Pasquale & Ulisses (1999), os verbos intransitivos não possuem complementos, ou seja, em sua descrição enfocam a não necessidade de complementos para ser entendido e classificado como verbo intransitivo. É importante, no entanto, destacar alguns detalhes relativos aos adjuntos adverbiais importantes que costumam acompanhá-los. Reforça-se que a noção de completude deve ser repensada. Seria, realmente, a noção de língua enquanto estrutura completa e autônoma? Em algum momento, os gramáticos estariam pensando no sentido propriamente dito? Por exemplo, “chegar e ir” são normalmente acompanhados de adjuntos adverbiais de lugar. Na língua culta, as preposições usadas para indicar direção ou destino são “a” e “para”.

Segundo análise feita por Cereja e Magalhães (1999, p.349), a regência verbal é apresentada em um poema escrito por Dom Helder Câmara: “Nada de ideias ao alcance das mãos. Gosto de pássaros/ que se enamoram das estrelas/ e caem de cansaço/ ao voarem/

em busca da luz”. No primeiro verso, há destaque para os verbos gostar e enamorar-se, que necessitam de complemento. Diferente dos demais, esses autores usam textos menos tradicionais para, a partir deles, exemplificar a funcionalidade gramatical na construção do sentido. Esse uso favorece para que o aluno consiga perceber, mesmo que minimamente, os sentidos produzidos pelos verbos presentes no texto citado.

Para Sarmiento (2004), a regência verbal se estabelece pela dependência de relação entre o verbo e o termo por ele regido. Assim, a diferenciação se faz, por exemplo, no verbo ensinar, o qual apresenta regências diferentes, necessitando de ligação aos seus complementos, é classificado como transitivo. Entretanto, quando ele não necessitar deste complemento é classificado como intransitivo. Para exemplificar a colocação anterior: verbo transitivo, por exemplo, “O professor ensina a matéria”. Ensina: verbo transitivo direto, a matéria: objeto direto. No caso intransitivo, com o exemplo: “O professor ensina bem”. Ensinar é verbo intransitivo; bem, adjunto adverbial de modo.

Vale refletir a respeito. A classificação traz o verbo intransitivo como “puro”, livre de qualquer complemento e em inúmeros casos, este não tem a funcionalidade ou a característica descrita, pois necessita de alguns complementos, uma vez que sua existência está associada a uma outra palavra que dará sentido completo a esta. Reforça-se, então, a necessidade de contextualizar o ensino de língua portuguesa, pois a predicação do verbo depende, sempre, do contexto em que ele será utilizado. Nesse sentido, não há como definir um verbo como transitivo ou intransitivo, sem antes considerar a intenção, o contexto e, conseqüentemente, o sentido constituído pelo uso.

Pelo visto, não há dúvida de que o ensino da gramática é algo complexo e as confusões e não compreensão podem fazer com que o aluno desista de aprender a estrutura da sua língua, abandonando, inclusive, a escola. Um exemplo para reforçar as afirmações feitas: no livro didático analisado para este trabalho “Tudo é Linguagem”, de Marchezi, Borgatto & Bertini (p.140), do 8º ano, Editora Ática, ano 2010, há muitas orações que estão completas mesmo sem os complementos, construídas com verbos que não os necessitam. Trata-se dos “verbos intransitivos”, como por exemplo: “Chove”, “A ponte caiu”, “Inúmeras andorinhas voam”, entre outros. Na sequência, os autores fazem a seguinte referência: O verbo não exige qualquer complemento para completar seu sentido, porque a ação que eles expressam se encerra, não transita para nenhum complemento, ou seja, aqueles elementos que por si só possuem complemento ou sentido, não sendo necessário de complemento para dar sentido à expressão. É preciso discutir com o aluno em que contexto alguém usa do verbo “Chove”. Apenas depois disso, ele compreenderá o sentido provocado enquanto função dos mesmos no ato comunicativo, que envolve o ouvinte, o lugar, o momento, o canal.

A análise do material didático mostrou que a conceituação quanto ao termo da regência verbal, “verbo intransitivo”, é semelhante dentro do item sintaxe, nas gramáticas, ou seja, faz-se um capítulo para tal discussão, sendo amplamente exemplificadas. Entretanto,

nos livros didáticos aparecem em formas variadas. No primeiro livro “Tudo é Linguagem” aparece em um capítulo específico, regência verbal; no segundo livro “Português – leitura, produção, gramática” de Leila Sarmiento, o uso da regência verbal aparece de forma um pouco mais contextualizada nos temas trabalhados; não apresenta um capítulo específico para trabalhar o tema, o que de certa forma facilita a aprendizagem, pois contextualiza dentro de cada item apresentando as análises diversas. Isso, no entanto, é quase uma exceção, pois, de forma geral, o que se constata é apresentação da teoria separada do uso, cujos exemplos são padronizados e incompatíveis com o nível, idade e conhecimento linguístico do aluno.

Essa fragmentação resulta da padronização gramatical ocorrida no processo de verticalização do processo de escolarização, que desconsidera as demais variáveis, interferindo na comunicação oral e escrita em diversos contextos. Como falar em emancipação do sujeito quando não se considera a sua gramática internalizada por ele? Na concepção de Antunes:

Foi sendo atribuído aos compêndios de gramática um papel de instrumento controlador da língua, ao qual caberia conduzir o comportamento dos usuários pela imposição de modelos e de padrões. Essa visão de gramática se consolidou tão fortemente que chegou a abafar qualquer outra concepção menos diretiva, como aquela da gramática internalizada por todos os falantes (2007, p. 36).

A gramática internalizada pelo sujeito é um importante instrumento linguístico e deve ser considerada, caso contrário, ela poderá ser uma forma de controle da língua, dos padrões e do sujeito. Como busca emancipatória do sujeito é preciso ensinar acreditando que a linguagem é um meio de interação humana, e, pelo discurso, serve para comunicar, dizer (ou não dizer) e interagir com os demais. Assim, para que o aluno alcance o gosto pela língua e desenvolva sua competência linguística, ele precisa ser motivado, alertado e instigado a aprender mais sobre a língua ensinada na escola.

Como praticar isso? O ensino de língua portuguesa deve parar de nomear, definir e classificar; precisa voltar-se à leitura, à produção e à interpretação como forma inclusiva. Em relação à língua, Bagno (2007) afirma que a norma-padrão é seu instrumento de divulgação mais prestigiado – a gramática normativa – é, antes de tudo, portador de um discurso onde o que mais sobressai, muito antes do que uma análise da língua ou da prescrição de formas corretas de uso da língua, é a tentativa de selecionar para excluir, de selecionar determinados cidadãos e excluir a grande maioria dos outros.

Conforme já referido, é preciso (re)pensar o ensino de língua portuguesa, percebendo-o não como a apresentação formal de um aglomerado de conceitos confusos e nomes esvaziados, que deverão ser decorados e devolvidos em formato de prova, mas como uma prática social, na qual o aluno seja sujeito do processo ensino e aprendizagem, emancipado e escritor de sua própria história.

## 4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

A questão da transitividade é muito discutida entre os próprios gramáticos, para quem os verbos, mesmo aqueles que a gramática tradicional trata como transitivos, possuem ‘graus’ de transitividade. Embora seja muito importante que o sujeito professor saiba (e talvez domine) como se encaminham os estudos da língua portuguesa, é preciso, de forma urgente, modificar a metodologia utilizada nas escolas. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998) já criticavam o ensino descontextualizado:

Não se justifica tratar o ensino gramatical desarticulado das práticas de linguagem. É o caso, por exemplo, da gramática que, ensinada de forma descontextualizada, tornou-se emblemática de um conteúdo estritamente escolar, do tipo que só serve para ir bem na prova e passar de ano uma prática pedagógica que vai da metalíngua para a língua por meio de exemplificação, exercícios de reconhecimento e memorização de terminologia (1997, p.28).

Sabe-se que muitas discussões têm ocorrido em relação a como trabalhar para que o sujeito realmente consiga comunicar-se, que consiga argumentar com posição. No entanto, em muitos contextos, o ensino segue, acreditando, sem medo de errar, que o bom professor é aquele que possui memorizado todos os conceitos e as regras estabelecidos pela gramática tradicional. O uso da gramática em sala de aula parece garantir a materialidade necessária para que o professor nomeie termos, defina regras, e ensine a “dita” norma padrão da língua, aquela estabelecida na relação Escola/Estado. Ele, por sua vez, mantém o poder em relação aos alunos, uma vez que, teoricamente, têm o domínio da língua (como se isso fosse possível).

É preciso evidenciar Mittmann *in* Cazarin e Rasia (2007), para quem a gramática teórica, com ênfase na gramática normativa, ainda ocupa o maior tempo das aulas de gramática e produção textual; prestigia-se ainda a memorização de listas de regras e de exceções, que se justificam para a aplicação em provas de concursos, porém funcionam como critério de eliminação. Ao contrário disso, os professores de língua portuguesa deveriam perseguir, em Travaglia (1996), duas definições de gramática, sendo: a gramática de uso, aquela que todo mundo usa para falar, escrever, estabelecer contato com o outro; a gramática reflexiva que leva a pensar sobre o funcionamento da língua e sobre o que se lê e se escreve. Para Mittmann *In* Cazarin e Rasia (2007) a gramática comunicativa e emancipadora, muitas vezes, passa longe da sala de aula.

Urge a necessidade de se discutir com os alunos as questões aqui levantadas, principalmente em cursos de formação de professores, pois eles poderão fazer a diferença na sua prática cotidiana. Mesmo que aparentemente inofensivas, algumas classificações incoerentes podem afastar o gosto do aluno para o aprendizado de sua língua. Os profissionais precisam ter clareza de que a função da escola deve ser a de ampliar os conhecimentos linguísticos dos alunos, ocupar-se do que eles já têm para torná-los sujeitos comunicativos, e, assim, cidadãos emancipados.

Para Bagno (2007, p. 70), “a gramática é para ensinar, sim, mais do que ensinar, é nossa tarefa construir o conhecimento gramatical de nossos alunos, fazer com que eles descubram o quanto já sabem para a produção de textos falados e escritos coesos, coerentes, criativos, relevantes”. Enfim, o ensino da língua deve ser pensado como uma prática social, caso contrário continuará num processo classificatório, fragmentado e excludente, como suporte reprodutor do sistema da ideologia dominante.

## REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. *Muito além da gramática: por um ensino de línguas sem pedras no caminho*. São Paulo, Parábola Editorial, 2007.

BAGNO, M. *Preconceito lingüístico: o que é, como se faz*. 8. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

\_\_\_\_\_. *Português ou Brasileiro? Um convite à pesquisa*. 4ªed. São Paulo: Parábola, 2004.

\_\_\_\_\_. *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística*. São Paulo: Cortez, 2007.

BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.

\_\_\_\_\_. *Moderna Gramática da Língua Portuguesa*. 37.ed.rev.e ampl.16ª, Rio de Janeiro: Lucerna, 2009.

BRASIL. *PCNs Língua Portuguesa - Ensino Fundamental Brasil*. Secretaria de Educação. Parâmetros Curriculares de Língua Portuguesa 3º e 4º ciclos. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CAZARIN, Ercília Ana; RASIA, Gesualda dos Santos. *Ensino e aprendizagem de línguas: língua portuguesa*. Editora Unijuí: Ijuí, 2007.

CEGALLA, Domingos Paschoal. *Novíssima Gramática da Língua Portuguesa*. 48.ed.rev. – São Paulo: Companhia Editorial Nacional, 2008.

CEREJA E MAGALHÃES. *Gramática Reflexiva – textos, semântica e interação*. São Paulo: Editora Atual, 1999.

CUNHA, Celso & CINTRA, Luis F. Lindley. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*.5.ed. Rio de Janeiro: Lexicon, 2008.

FARACO, Carlos Alberto. *Norma culta brasileira. Desatando alguns nós*. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

LEMER, Délia. *Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário*.br />Revista Nova Escola<br /> Agosto 2008<br

MARCHEZI, BORGATTO & BERTINI. *Tudo é Linguagem*” - 8º ano. São Paulo: Editora Ática, 2010.

PASQUALE & ULISSES. *Gramática da Língua Portuguesa*. São Paulo: Editora Scipione, 1999.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. *Gramática normativa da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2007.

SARMENTO, Leila. *Português – leitura, produção, gramática*. São Paulo: Editora Moderna, 6º Ano, 2002.

\_\_\_\_. *Gramática em textos*. São Paulo: Editora Moderna, 2004.

TRAVAGLIA, L. C. *Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus*. São Paulo: Cortez, 1996.

<http://blog.horario.com.br/index.php/2012/08/a-gramatica-contextualizada/> (Revista.NovaEscola/2012 - capturado em 11 de maio de 2013).

## ÍNDICE REMISSIVO

### C

Cartas 72, 117, 125, 126, 128, 131, 132, 133, 134, 135, 136

Cenografia 42, 43, 44, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60

Clarice Lispector 1, 3, 5, 6, 8, 11

Cora Coralina 33, 34, 35, 37, 38, 39, 40, 41

Criança 78, 79, 83, 86, 105, 109, 120, 152, 167, 183, 184, 185, 186, 189, 190, 193, 200, 217, 221

### E

Edgar Allan Poe 42, 43, 49, 50

Ensino 5, 78, 79, 82, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 99, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 124, 125, 167, 169, 170, 171, 194, 195, 196, 197, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 207, 211, 214, 215, 216, 225

Estrutura 2, 39, 93, 143, 176, 184, 196, 199, 200, 201

Ethos 42, 43, 44, 46, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60

### F

Feminino 7, 10, 40, 154

Formação Docente 194

### I

Identidade 4, 6, 24, 25, 36, 48, 70, 71, 107, 113, 124, 126, 131, 142, 145, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 178, 196, 221, 225

Interação 19, 47, 48, 91, 94, 106, 165, 167, 172, 174, 175, 177, 178, 179, 181, 183, 184, 185, 188, 202, 204, 205

### J

Jornal 59, 119, 120, 127, 131, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 196

### L

Leitura 3, 5, 19, 27, 36, 37, 46, 57, 58, 63, 77, 78, 82, 84, 88, 90, 91, 92, 93, 94, 97, 98, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 128, 139, 141, 151, 157, 172, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 186, 188, 190, 191, 192, 195, 202, 205, 214, 222, 225

Letramento Literário 90, 103, 113, 114

Letras 2, 11, 32, 33, 34, 41, 59, 68, 77, 85, 103, 115, 116, 117, 119, 124, 125, 127, 130, 136, 160, 206, 216, 225

Língua Materna 110, 194, 196, 197, 198

Linguística 2, 15, 20, 22, 44, 59, 60, 69, 110, 150, 158, 183, 196, 197, 198, 202, 204, 209, 210, 225

Lírica 33, 34, 35, 37, 39, 40

Literatura 1, 2, 3, 4, 6, 8, 9, 11, 19, 21, 23, 24, 25, 26, 27, 31, 32, 34, 35, 36, 37, 39, 42, 44, 45, 46, 50, 51, 52, 57, 59, 60, 61, 62, 77, 78, 79, 80, 82, 83, 86, 87, 88, 90, 91, 92, 93, 94, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 113, 114, 115, 116, 118, 119, 120, 124, 126, 127, 128, 129, 135, 136, 172, 225

## **M**

Manoel de Barros 78, 79, 80, 82, 83, 85, 87, 88

Margaret Atwood 61, 62, 67

Mário Matos 116, 117, 118, 119, 120, 122, 124

Memória 25, 34, 48, 116, 117, 118, 120, 121, 122, 123, 124, 126, 137, 138, 139, 141, 142, 145, 146, 161, 164, 169, 171, 191, 208, 209

## **N**

Nordestino 23, 25, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 153

## **P**

Patativa do Assaré 23, 25, 27, 31, 32

Professor 83, 84, 93, 95, 98, 102, 104, 105, 106, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 119, 160, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 176, 177, 179, 201, 203, 206, 207, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 225

# Letras e Linguística: Estrutura e Funcionamento

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 

# Letras e Linguística: Estrutura e Funcionamento

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 